

O SENHOR FREGA EMPRESTADO À L’ORÉAL

Nas manhãs de domingo, Giorgio e eu costumávamos nos encontrar — um amigo e colega, gerente comercial de uma das maiores empresas do mundo em cosméticos femininos: a L’ORÉAL.

Era o nosso jeito de ficar próximos, de contar um ao outro a semana, o trabalho, e depois falar dos clientes lá fora, no mercado, trocando uma ou outra piada sobre o que tivesse aparecido, diante de uma xícara de café quente no bar.

Tinha um temperamento sociável, sempre sorridente, sempre irônico, mas com um espírito indomável — uma elegância e um refinamento sem igual.

Tinha sempre uma piada pronta, e nunca uma piada descuidada, um sorriso proverbial que deixava todo mundo à vontade — gostava de dizer que tinha gastado uma fortuna nos dentes novos, e que tinha precisado fazer um seguro de 25.000 euros para eles, contra o risco de alguém não levar tão bem uma das suas piadinhas afiadas e resolver arrancá-los no soco.

Sempre que saíamos para vender juntos pela nossa região, a Calábria, anunciávamos bem alto a cada cliente que éramos os homens mais sortudos do mundo, trabalhando para as duas melhores empresas do planeta, que nos pagavam uma fortuna só para a gente se divertir, não para trabalhar — o que nunca deixava de irritar quem estivesse ouvindo. Muitas vezes não acreditavam em nós, mas mesmo assim tínhamos o respeito de quase todo mundo.

Numa manhã de abril ele me disse: semana que vem eu passo para te buscar, vamos trabalhar na Sicília, três dias — não se preocupe, está tudo pago, você não vai gastar um centavo.

Ele sabia perfeitamente que não era o meu território, então perguntei: que diabo a gente vai fazer fora do território?

Bom, ele disse, essa vai ser a sua surpresa — e talvez um pouco a minha também.

Você vai ser sempre o Frega da Gillette, mas por três dias vai ser um convidado da empresa em campo, por conta da L’ORÉAL.

Vou te mostrar o outro lado da moeda — um mercado que você não conhece, que nunca viu, porque nunca esteve nele, onde as mulheres são as protagonistas de toda compra, com todas as suas particularidades.

Para mim também é um jeito de dizer obrigado, pelos dois anos que passamos juntos — sei que sem você, sem a sua ajuda e a sua disponibilidade, o seu calor e os seus modos, tudo o que faz de você o homem e o amigo que você é, eu provavelmente não teria conseguido voltar ao trabalho, e talvez nem a viver, depois da doença de Crohn.

Ele se deixou levar, só por um instante, uma única lágrima — era a primeira vez que eu o via assim, sem conseguir segurar a emoção.

Disse que passaríamos três dias em Catânia e um em Palermo, e depois voltaríamos para casa — estavam tratando aquilo como um teste oficial, aprovado de antemão pela diretoria de vendas dele, que tinha dado o aval, e todo mundo estava curioso para ver o que ia acontecer e o que nós dois íamos aprontar.

Eu disse sim sem hesitar. As empresas sempre entregavam informação, mas nunca compartilhavam experiência de verdade — e aquela era uma chance real de crescer.

Contei ao meu pai, e ele sorriu e disse: você continua fazendo coisas que ninguém espera — isso não é só um traço, isso é Ferdinando Frega.

Era o jeito dele de dar a bênção. Conhecia Giorgio havia vinte anos e sabia que eu ia aprender alguma coisa — só não sabia o quê.

Cheguei em casa e minha mulher viu algo estranho na minha cara e perguntou o que havia. Me emprestaram para a L’Oréal por três dias, eu disse, e ela devolveu: o mesmo palhaço de sempre — quando é que você vai falar sério?

No dia em que eu voltar te conto direitinho como foi, eu disse, e contei a história toda. Ela disse: agora você está encrencado — vai entrar no mundo das mulheres por uma porta diferente daquela a que está acostumado. Estou curiosa para ver o que vai dar.

Ferdinando